Apresentação
Corpo, sonho e vida afectiva

Nuno Miguel Proença[*], *Ana Lúcia Mandelli de Marsillac*[**], *Adelino Cardoso*[***]

Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias 39-40 (2021), 11-16. ISSN 0870-4546.
DOI: https://doi.org/10.34619/xlgn-kn5d

> O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido,
> uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. […] Há mais razão em teu corpo
> do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo
> necessita justamente de tua melhor sabedoria?
> (Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*)

> O que queremos dizer é o seguinte: que existe em cada um de nós
> uma espécie de desejo terrível, selvagem e sem leis, mesmo nos poucos de entre nós
> que parecem comedidos. É nos sonhos que o facto se torna evidente.
> (Platão, *República*, IX, 572 b)

> Por afecto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência
> de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada,
> e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.
> (Spinoza, *Ética*, III, def. 3)

Uma das curiosidades em falar ou escrever sobre o corpo consiste no facto de ambas as actividades suporem o seu saber espontâneo e a sua vida. Quaisquer que sejam as representações, os entendimentos e a consciência que dele temos ou o modo como manifestamos o seu saber imanente, o corpo permeia e configura, desde sempre e sem que disso

[*] CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-1618-695X. *E-mail*: nunomiguelproenca@gmail.com.
[**] Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-2716-510X. *E-mail*: ana.marsillac@ufsc.br.
[***] CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.
ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-0927-5428. *E-mail*: cardoso.adelino@gmail.com.

tenhamos plena iniciativa, as nossas expressões do mundo, de outrem e de nós próprios. Por isso, é o lugar inescapável onde somos afectados por aquilo que nos acontece, a começar pela própria vida e seus sonhos. Ao ligarem constantemente *aesthesis* e *pathos*, as percepções internas e externas asseguradas pelo corpo e retomadas pelo *Logos* situam-nos originariamente numa comunidade de viventes cujas organizações, acções e realizações respondem à vulnerabilidade, à potencialidade, às necessidades e ao desejo que experienciamos. Como tal, e sem que disso nos demos sempre conta, os actos de linguagem aparecem como intrinsecamente entrelaçados à corporeidade e à sua presença expressiva, afectando e sendo afectados pelo que resulta de uma inter-expressividade cultural. A nossa vida afectiva também dá forma à nossa participação no mundo vígil, do mesmo modo que está presente nos nossos sonhos, atravessando as fronteiras que separam ambos e subsistindo apesar das transformações da consciência correlativas à passagem entre um mundo e outro.

No entanto, quaisquer que sejam as suas variantes internas, e quaisquer que tenham sido os valores respectivos dados à alma e ao corpo, a nossa cultura é essencialmente uma cultura da produtividade e da acção. Parecendo ter por mito principal o de Prometeu, é atravessada por uma luta – ou pelo menos uma tensão – entre uma humanidade vígil e os seus meios físico e social, com o intuito constante de os modificar. Mas será que temos o direito de ignorar metade da vida da humanidade e de só a encarar no seu tempo activo e acordado, deixando de lado todas aquelas horas em que dorme e sonha? Será que podemos descuidar tudo o que vive quando o corpo repousa? A questão deve-se ao que poderíamos chamar as barreiras e os obstáculos epistemológicos criados à investigação destes fenómenos "nocturnos" por sociedades cuja cultura situa no seu primeiro plano a *praxis*. Na atitude do conhecimento científico, na sua aspiração geral, reflectir-se-ia este corte entre o psíquico e o social, separando e opondo as duas partes do humano que são o sonhar e o trabalhar, esquecendo-nos de que a invenção e a descoberta, tal como a criação, a inovação e a própria investigação decorrem da possibilidade do sonho, do devaneio, da imaginação e da inspiração. Para além disso, também o conhecimento e a afectividade, tal como o desejo e o saber, estão entrelaçados, como no-lo ensina Spinoza, antes de Nietzsche e depois de Platão. Muitas das nossas dificuldades decorreriam deste esquecimento, a ponto de podermos afirmar (Bastide 1972) que muitas das nossas doenças mentais são oriundas do facto de não ser dado livre curso onírico aos fantasmas e aos desejos que há em nós, mas também que o imperativo da produtividade e a doença mental são dois gémeos impossíveis de separar em absoluto.

Graças às correntes psicodinâmicas da psicologia e da psiquiatria, o sonho, a afectividade e o corpo voltaram a ganhar importância na nossa vida social, sem nunca terem

realmente estado ausentes das manifestações culturais e artísticas. Como nos diz Dodds (Dodds 1951), os sonhos voltaram a ser altamente significativos e a antiga arte da *onirocritice* passou a ser uma prática comum nos meios que durante alguns séculos os descuidaram, de tal modo que muitos dos nossos contemporâneos correm apressadamente para junto dos especialistas na ânsia de relatar os seus sonhos e de lhes desvendar o sentido!

Freud (1972) contribuiu grandemente para este regresso do interesse pela vida onírica, reconhecendo-a como "a via régia" de acesso ao inconsciente e às motivações mais recônditas de cada indivíduo: a interpretação dos sonhos é um instrumento básico do trabalho psicanalítico e de transformação terapêutica da vida afectiva. Com efeito, o sonho fala do sonhador, dos seus desejos e dos seus medos, do seu corpo e dos conflitos que impulsionam ou bloqueiam os seus afectos e a sua existência. Mas os sonhos falam também da comunidade e da cultura envolventes. É aos bastidores do sonho, como nos diriam alguns etnólogos, que o sonhador vai buscar grande parte dos seus recursos, à vasta panóplia das representações colectivas que a sua civilização lhe fornece e na qual, geração após geração, num efeito acumulador, se renovam as questões e as respostas decorrentes do enigma de existir. É isso que permite que haja uma porta aberta em permanência entre as duas metades da vida humana e que tenham incessantemente lugar trocas entre o sonho e o mito, entre as ficções individuais, os constrangimentos sociais e as narrativas colectivas, de modo que o cultural fecunde o psíquico e o psíquico se inscreva no cultural. O sonho é um fenómeno cultural não só ao nível dos seus conteúdos manifestos ou da significação que lhes é atribuída, mas também ao nível do próprio modo de sonhar. Para dar um exemplo marcante, haverá comunidades cujos membros sonham frequentemente um sonho comum, enquanto, de forma dominante na cultura ocidental, o sonho tende a restringir-se à psique individual. Nele a alma de cada sonhador liberta-se das amarras e dos constrangimentos que o "princípio de realidade" e as necessidades da sobrevivência impõem à sua visão da paisagem do mundo e revela, para além das suas motivações mais recalcadas, um potencial criativo incontrolável. Noutras paragens, onde a razão, a imaginação e o saber imanente do corpo parecem menos opostos, ao sonho foi reconhecida uma função médica, de diagnóstico e tratamento, mas também uma função profética, sendo-lhe ainda reconhecido o papel de sinalizar transformações ou passagens significativas nas dinâmicas e destinações individuais ou colectivas.

Como é que o nosso conhecimento, predominantemente guiado pela prova, pela objectividade e pelo rigor do *Logos* – dialéctico, geométrico ou conceptual –, poderia interessar-se pela estranheza e a intimidade de imagens evanescentes e de sonhos, tal como eles se entrelaçam com a singularidade de um corpo sexuado e vulnerável, constantemente alterado pela afectividade? No entanto, inúmeros são os mitos e as alegorias

presentes nos textos de Platão, inúmeras são as imagens e os afectos que eles suscitam, do mesmo modo que a relação de Sócrates com o seu *daimon* e a interpretação do Oráculo de Delfos foram de inegável importância para o início da própria aspiração ao conhecimento filosófico. Em vez de se encontrar em ruptura com a forte recorrência daquilo a que, à falta de melhor, se deu o nome de irracional, tanto na cultura grega da Antiguidade (Detienne 1968) como em todo o período da Renascença (Wind 1958) – do qual a Modernidade também é oriunda –, a racionalidade aparece entrançada com dinâmicas da própria vida, que a precedem e que talvez a condicionem. Apesar dos sonhos que teve na noite de 10 de Novembro de 1619, que o levaram a converter-se às investigações filosóficas e matemáticas, é possível que Descartes – como instaurador do racionalismo moderno – tenha contribuído fortemente para, durante algum tempo, fechar as portas ocidentais entre a noite e o dia, entre as verdades "claras e distintas" e as impressões "obscuras e confusas". Da mesma forma, pode ter deixado um rasto indelével nas nossas concepções da relação entre a alma e o corpo, mesmo que a passagem pela alucinação onírica para chegar à evidência do *cogito* insone deixe adivinhar a exuberância e a força figurativa da crença e do desejo na origem da razão – o que Fernando Gil (Gil 1993), depois de Leibniz, não descuidará.

Tal como as (im)possibilidades do corpo e as alterações da vida afectiva, os sonhos não deixam de nos espantar, por mais que os tentemos reduzir a fenómenos naturais. Neles, a afectividade e a vivência corpórea estão investidas e podem revestir-se de novos sentidos. Dimensão fundamental da vida e da existência humanas, eles prendem a nossa atenção, tanto pelo que manifestam, como pelos enigmas que sugerem ou as vantagens que oferecem em relação ao mundo da vigília. Graças à vida onírica, a humanidade partilha com outros mamíferos superiores o curioso privilégio da cidadania de dois mundos, alternando diariamente entre dois tipos de experiência com as suas próprias lógicas e limitações. Talvez não haja razão óbvia, aliás, para afirmar que um deles é mais significativo que o outro. Se o nosso mundo acordado tem a vantagem da continuidade e do sentido partilhado em espaços, tempos e linguagens comuns, as suas oportunidades sociais parecem bastante limitadas relativamente ao mundo dos sonhos, o qual oferece o ensejo, por mais fugitivo que seja, de reencontrar amizades distantes, amores passados ou mundos possíveis, onde também se cruzam quimeras, divindades e defuntos. É possível, assim, que o que neles pode haver de estranho e de inquietante seja o resíduo de concepções passadas ou de ameaças à própria espécie que continuam a assombrar e a perturbar a nossa consciência, de forma subterrânea, atravessando gerações sucessivas. Ou será que essa estranheza é antes o sentimento da fragilidade da nossa razão, sempre pronta a abismar-se nas profundezas nocturnas de onde emerge, tanto mais ameaçadoras quanto ao

mesmo tempo nos atraem, numa sociedade que já quase não oferece barreiras à potência das suas seduções?

Nesta edição da *Cultura* será possível percorrer diferentes concepções e inter-relações entre o corpo, os sonhos e a vida afectiva.

O artigo de Adelino Cardoso, "Concepção stahliana de corpo", que abre esse dossiê, aborda a *Theoria medica vera*, enquanto arte e concepção de corpo, de G. E. Sthal, produzida no início do século XVIII. "A originalidade de Stahl reside na posição hegemónica da alma e sua capacidade de agir directa e imediatamente sobre o seu corpo." Nesse sentido, sustenta uma medicina psicossomática assente no ajustamento perfeito entre alma e corpo.

"Para uma arqueologia do esquecimento: a teoria do sono lúcido de Abade Faria e sua receção em Portugal" é o artigo de Bruno Barreiros que estuda a recepção ambígua do hipnotismo no Portugal do século XIX. Apoiado no pensamento de Abade Faria, o autor sublinha que, em estado hipnótico ou de sono lúcido, o sujeito, por estar desvinculado dos sentidos, pode usufruir de conhecimentos sublimes que nunca adquiriu pelo estudo.

"Fenomenologia da vida e sofrimento", da autoria de Ana Paula Rosendo, é um texto que se propõe reflectir sobre o sofrimento na vida humana. Sustentado teoricamente pela Fenomenologia da Vida de Michel Henry, articula a importância da auto-afecção do sofrimento como geradora e essência da potência de vida.

Nuno Miguel Proença contribui para o tema com o artigo "Para além de Freud: Nietzsche, Binswanger e Bachelard acerca dos sonhos, dos devaneios e das suas imagens". Propõe distinguir devaneio de sonho, contemplando suas ténues fronteiras, para então aproximar e confrontar as teses que dizem respeito às relações entre a imagem e o *Logos*, a partir das reflexões de Nietzsche, Binswanger e Bachelard. Nesse sentido, evoca cruzamentos entre crença, satisfação das formações oníricas e criação artística ou científica.

"A poética negativa de Doris Salcedo: des-calar a dor e (re)construir narrativas desviantes", artigo de Anelise Hauschild Mondardo, debruça-se sobre a obra *Shibboleth* (2007), da colombiana Doris Salcedo, que consiste numa racha de 167 m de extensão instalada no piso de entrada do emblemático museu de arte contemporânea de Londres. A partir dela, a autora reflecte, sustentada pela psicanálise, sobre o traumático que se inscreve como negativo e, paradoxalmente, como excesso no corpo e na cultura.

Desta forma, apresentamos ao leitor um breve mas profundo panorama sobre as inter-relações entre "Corpo, sonho e vida afectiva", demarcando concepções históricas, conceptuais e diálogos interdisciplinares. Não pretendemos com isso esgotar a riqueza desse encontro temático; pelo contrário, procuramos instigar os leitores a acompanharem-nos, a saberem mais e a questionarem-se sobre essa temática na sua vida e nas suas culturas.

Bibliografia

BASTIDE, Roger. 1972. *Le Rêve, la transe et la folie*. Paris: Flammarion.

DODDS, Eric Robertson. 1951. *The Greeks and the Irrational*. Berkley, Los Angeles, London: University of California Press.

DETIENNE, Marcel. 1968. *Apollon le couteau à la main*. Paris: Gallimard.

FREUD, Sigmund. 1972. "A interpretação dos sonhos". In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

GIL, Fernando. 1993. *Traité de l'évidence*. Grenoble: Jerôme Millon.

WIND, Edgar. 1958. *Pagan Mysteries in the Renaissance*. London: Faber and Gaber.